



## ARTIGO DE PESQUISA

### A PRÁXIS DO SER ENFERMEIRA(O) NO COTIDIANO DA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

*PRAXIS OF BEING A NURSE IN THE DAILY LIFE OF AN INTENSIVE CARE UNIT*

*PRAXIS DE SER ENFERMEIRA(O) EN LA COTIDIANIDAD DE LA UNIDAD DE CUIDADOS INTENSIVOS*

*Gustavo de Mello Duarte<sup>1</sup>, Marcelo da Silva Alves<sup>2</sup>*

#### RESUMO

Este estudo qualitativo objetivou desvelar a *práxis* de enfermeiros que atuam em unidades de terapia intensiva. Utilizaram-se como referenciais teóricos a Sociologia do cotidiano e a conceituação de Karel Kosic para *práxis*. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas, com oito enfermeiros atuantes nas unidades de terapia intensiva de um hospital filantrópico da Zona da Mata de Minas Gerais, obtendo-se os resultados por triangulação de dados. Verificou-se o papel dessas unidades na formação desses profissionais, suprindo-lhes as deficiências de formação e mantendo-os atualizados e inseridos em um ambiente de conhecimentos modernos e tecnológicos. Identificou-se também o *status* profissional, que surge pelo reconhecimento de seus iguais e de outros profissionais, pelo trabalho que é executado e pela vivência cotidiana da unidade de terapia intensiva (considerada por vezes o setor mais importante do ambiente hospitalar) - fatores relevantes para a constituição de sua *práxis*. **Descritores:** Enfermagem; Papel do Enfermeiro; Terapia Intensiva.

#### ABSTRACT

This qualitative study aimed at unveiling the praxis of nurses working in intensive care units. We used as theoretical foundations the Sociology of Everyday Life and the concept of praxis by Karel Kosic. There were semi-structured interviews with eight nurses working in intensive care units of a philanthropic hospital in Zona da Mata of Minas Gerais (Brazil) obtaining results by data triangulation. We verified the role of these units in the professional training of these nurses, covering its deficiencies and keeping them updated and inserted in an environment of modern knowledge and technology. We also identified the professional status, which arises from the recognition of their peers and other professionals, from the work that is performed and from the daily experience of the intensive care unit (sometimes considered the most important sector of the hospital) - factors which are relevant to the constitution of their praxis. **Descriptors:** Nursing; Nurse's Role; Intensive Care.

#### RESUMEN

Este estudio cualitativo quiso desvelar la praxis de los enfermeros que trabajan en unidades de cuidados intensivos. Utilizamos como referencial teórico la Sociología del Cotidiano y el concepto de praxis de Karel Kosic. Se realizaron entrevistas semi-estructuradas con ocho enfermeros que trabajan en las unidades de cuidados intensivos de un hospital filantrópico de Zona da Mata de Minas Gerais (Brasil), con obtención de resultados mediante la triangulación de datos. Verificamos el papel de esas unidades en la formación de esos profesionales, compensándoles las deficiencias de formación y manteniéndolos actualizados e inseridos en un contexto de conocimientos modernos y tecnológicos. También se identificó el *status* profesional, que surge del reconocimiento de sus compañeros y de otros profesionales, del trabajo que se realiza y de la vivencia diaria de la unidad de cuidados intensivos (a veces considerada como el sector más importante del hospital) - factores relevantes a la constitución de su *praxis*. **Descriptor:** Enfermería; Rol del Enfermero; Cuidados intensivos.

<sup>1</sup>Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. <sup>2</sup>Prof. Doutor em Saúde Coletiva - UERJ. Professor Associado do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

## INTRODUÇÃO

O entendimento do que é Práxis passa por inúmeros conceitos que, no decorrer do tempo, vêm passando por alterações de acordo com suas aplicabilidades e correntes de pensamento que os formulam. Com origem no pensamento grego, a Práxis ganhou notoriedade com as postulações teórico-filosóficas de Karl Marx. Assim, a sua aplicabilidade pode ser vista em estudos de naturezas e finalidades variadas<sup>(1)</sup>.

Práxis é muito comumente associada ao significado de prática, mas essa é uma conceituação muito restrita. A sua conceituação inicial, na Grécia, ultrapassava o sentido de uma simples prática, pois levava em consideração o conhecimento e a moral de cada um<sup>(2)</sup>. Práxis também pode ser conceituada como sendo o emprego de conhecimentos teóricos em um fazer, ou seja, a junção entre essas duas dimensões. De um ponto de vista filosófico, a Práxis é tida como uma manifestação humana, o próprio ser humano em todas as suas dimensões<sup>(1)</sup>.

Contudo, adotou-se outro sentido para Práxis. Para entendimento desta proposta e dos resultados aqui apresentados, pensa-se a Práxis como sendo os significados que uma prática assume para aquelas pessoas que a desempenham<sup>(3)</sup>. Assim, práxis assume um aspecto mais amplo e diferenciado porque suscita de cada um uma reflexão, uma conscientização e uma significação do papel que desempenha.

Estudar a práxis sob essa conceituação é poder lançar um olhar sobre a realidade do vivido no cotidiano dos profissionais de enfermagem; é ver com os olhos dessas pessoas, entendendo não como as coisas deveriam ser, mas como elas realmente são. Pode-se obter com esse olhar um maior embasamento da realidade de toda uma profissão; é a oportunidade de observar a

dialética de quem faz e por que faz.

Segundo o referencial utilizado<sup>(3-4)</sup>, o ser humano, perante sua realidade, não se porta de forma alheia, mas sim proativa, agindo mediante seus interesses e necessidades. Assim inserido concretamente em sua realidade, tem experiências úteis que lhe permitem criar sua própria representação das vivências que o cercam.

Logo, a práxis de ser enfermeiro no cotidiano de uma unidade de terapia intensiva (UTI) remete ao que significam, para esse profissional, todas as suas funções, fazeres e atuações dentro desse ambiente: é o que dá sentido ao seu papel profissional; é o que, sob sua visão e reflexão, significa seu trabalho no vivido cotidiano de uma UTI - setor de trabalho tão complexo e repleto de vivências e experiências.

A unidade de terapia intensiva foi adotada como ambiente de estudo devido à complexidade que envolve a atividade de enfermagem em vários aspectos: a sua alta mecanização, o grande uso de tecnologias e as normas e rotinas que amparam a execução das atividades de enfermagem nesse setor<sup>(5,6)</sup>. Da mesma forma, deve-se também à complexidade clínica e dos agravos à saúde que podem ser observados na UTI, às exigências profissionais aos enfermeiros, à complexidade da equipe e ao grande número de profissionais que convivem no cotidiano de uma UTI. Em suma, a escolha pelo ambiente de UTI deveu-se à sua configuração como um ambiente social e relacional rico em possibilidades<sup>(7)</sup>.

Soma-se a isso a importância desse setor na conjuntura de saúde moderna. As unidades de terapia intensiva são vistas e consideradas como a linha final da possibilidade de se restituir a vida de uma pessoa<sup>(8)</sup>. Essa visão vem em grande parte da conjuntura que foi apresentada nos parágrafos anteriores.

Assim, mediante toda a riqueza e a

complexidade das unidades de terapia intensiva, bem como da importância do estudo da práxis, quais seriam os elementos de relevância formadores da práxis de enfermeiros que atuam em UTI? Quais aspectos do viver cotidiano desse ambiente ganham, aos olhos desses profissionais, importância para serem constituintes de sua práxis?

O presente estudo objetiva desvelar a práxis de enfermeiros que atuam em unidades de terapia intensiva. Buscou-se, apresentar, sob a percepção de enfermeiros que atuam em UTI, os elementos do cotidiano profissional que ganham significado diferenciado para serem constituintes de sua práxis. Tem sua importância respaldada em todo o crescimento que o estudo da práxis, pautada na realidade profissional, pode trazer a esses profissionais e à enfermagem como profissão - como poderá ser visto nos resultados encontrados.

## MÉTODOS

O estudo é uma pesquisa qualitativa que adotou como referencial teórico primário para análise dos dados as conceituações de pós-modernidade<sup>(9)</sup> e de cotidiano<sup>(9)</sup> da Sociologia do Cotidiano<sup>(9)</sup>. Por se tratar de um pensamento que propicia uma visão mais contextualizada e sensível a todas as nuances de um cenário social, foi o instrumento ideal para as pretensões de estudo.

Utilizaram-se como campo de pesquisa três unidades de terapia intensiva de um hospital filantrópico de médio porte de um município da Zona da Mata de Minas Gerais: uma UTI geral, uma UTI cardíaca e uma UTI cirúrgica. Essa configuração permitiu uma diversidade de cenários, evitando possíveis vieses na pesquisa e uma saturação prematura dos dados.

Os sujeitos estudados foram profissionais

de enfermagem com nível superior que, no período de realização da pesquisa, trabalhavam nas referidas UTIs. De um universo de 12 profissionais, dois se recusaram a participar da pesquisa e um não pôde ser contatado, pois estava de férias. Logo, a pesquisa contou com oito participantes: cinco mulheres e três homens, com idades entre 25 e 45 anos e tempo de experiência em UTI entre cinco meses e 18 anos. A predominância de mulheres é o motivo da adoção preponderante do gênero feminino nos textos referentes aos resultados obtidos nesta pesquisa.

Após a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (parecer consubstanciado 0004.1.471.000-11) e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes, em respeito às legislações vigentes, iniciou-se a fase de coleta de dados. Utilizamos a entrevista semiestruturada<sup>(10)</sup> como instrumento de coleta de dados. As entrevistas, gravadas em formato digital, foram transcritas e categorizadas segundo as similaridades e as relevâncias das temáticas apontadas pelas falas.

A partir de então, iniciou-se o processo indutivo de análise, confrontando os materiais empíricos (obtidos nas entrevistas e categorizados) com os referenciais teóricos adotados para o trabalho, juntamente com os conhecimentos do pesquisador. Essa técnica é conhecida como triangulação dos dados e busca atingir o ápice da descrição, explicação e compreensão, considerando a relação entre o fenômeno estudado e todas as variáveis que o influenciam<sup>(10-11)</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As falas das entrevistadas revelaram quatro elementos constituintes da práxis do ser enfermeira no cotidiano da UTI. Contudo,

devido ao seu extenso tamanho e complexidade, esses elementos foram divididos em dois grupos por similaridades. Aqui, apresenta-se um desses grupos, formado pelo papel da UTI como escola do vivido para as enfermeiras e o status profissional vivenciado por ser uma enfermeira de UTI.

#### A UTI como escola

Já se verifica que o processo de formação profissional, iniciado dentro da academia, deve ser continuado na vivência profissional de cada um. Assim, mediante as realidades vividas no cotidiano de trabalho, o profissional vai se construindo e se aperfeiçoando, tornando-se cada vez mais apto a desempenhar o seu papel<sup>(12)</sup>.

O primeiro grupo de falas revelou que, no vivido cotidiano das enfermeiras dentro das UTIs, esse setor tem papel primordial na formação e constituição dessas enfermeiras como profissionais. Dessa forma, essa função de escola, desempenhada pela UTI, é geradora de significado e, conseqüentemente, formadora da práxis de ser enfermeira em UTI. Ilustro-la com a fala a seguir:

“Aqui, eu aprendi tudo o que eu não aprendi na minha faculdade, porque só a gente vivenciando a prática que a gente sabe, que a gente conhece. Quando você sai da faculdade, você acha que sai sabendo assim, muita gente acha que sai não sabendo nada, mas tem gente que se passou uma sonda eu já sei tudo. Aqui, você vive experiências que você jamais imaginou viver” (Entrevistada 8).

Essa fala reflete o pensamento sobre a formação da profissional de enfermagem como advinda de um ensino fragmentado e descontextualizado que prepara esse profissional de uma forma muito geral<sup>(12)</sup>, não abrangendo a vivência real de uma UTI. Assim, as enfermeiras se utilizam da vivência real para complementarem seus conhecimentos e aprimorarem sua prática dentro da UTI. Desse modo, as enfermeiras,

ao perceberem que sua deficiência advinda do processo de formação profissional está sendo suprida pela vivência do cotidiano da UTI, atribuem um significado tal a essa vivência que ela passa a ser parte da práxis de ser uma enfermeira em uma UTI.

Do mesmo modo, situações inerentes à UTI, como o uso de tecnologias avançadas e técnicas de atuação cada vez mais apuradas e aperfeiçoadas, constantemente acabam por exigir da enfermeira um aprendizado constante<sup>(5)</sup>. E essa busca por conhecimento, embora gerada pelo setor, torna-se um motivador para a enfermeira no cotidiano desse ambiente. Exemplificamo-lo com a fala a seguir: “[...] aprendi muito, e daí você começa a ter que buscar também, porque a gente vem pra cá, e apesar de já ter um ano trabalhando na casa, mas aqui dentro as coisas são bem mais complexas né. Então, você começa a buscar mais conhecimento e tal. Então, eu acho que foi muito bom” (Entrevistada 2).

Assim, a enfermeira que trabalha dentro de unidades de terapia intensiva, devido ao papel formador desse ambiente, é uma profissional capaz de aprender uma gama enorme de conhecimentos, o que a habilita a desempenhar inúmeras funções e tarefas que, sob suas próprias significações, serão compositoras de sua práxis, concedendo a essa profissional um patamar de reconhecimento<sup>(13)</sup>.

Esse constante aprender é bem querido e pretendido pelas enfermeiras; é um motivador: elas gostam de se manter atualizadas para exercerem o seu ser profissional de forma condizente com as necessidades do seu dia a dia. É uma forma de manterem seu trabalho valorizado e reconhecido, assim como elas próprias. Por conseguinte, o que se inicia como uma necessidade de trabalho ganha significado de motivação para essas profissionais. Reparem-

no na fala que se segue: “[...] cada dia querendo aprender mais, chego em casa sempre tô lendo, sabe? Então, assim, depois que eu vim aqui pra dentro do setor, pra mim foi um estímulo muito grande em relação à enfermagem, que eu estava um pouco desanimada com a profissão” (Entrevistada 5).

A capacidade de expressar os conhecimentos adquiridos no desempenhar de suas práticas tem significância dentro do contexto da práxis. Assim, quando participa ativamente das muitas atividades a que é requerida dentro da UTI<sup>(14)</sup> e consegue, colocando seus conhecimentos em prática, ser agente atuante de todas as atividades de forma a satisfazer as expectativas que lhe são imputadas, a enfermeira está dando significado ao seu aprendizado e significando os elementos formadores de sua práxis. Isso está bem ilustrado na seguinte fala:

“[...] quando eu comecei, eu comecei com uma equipe que tava trabalhando muito junto, então nós começamos ali o mesmo interesse, discutíamos o caso de igual pra igual, entendeu? Então, acho que foi isso que me fez interessar e isso que me fez valorizar e gostar do que eu faço [...] e o interesse era o mesmo. A gente trabalhava e falava a mesma linguagem. Isso que me fez gostar” (Entrevistada 1).

Nesse contexto, o papel exercido pela UTI como escola do vivido, da realidade e que participa da constituição de ser uma enfermeira, é reconhecido por elas como sendo de sua práxis - ou seja, como tendo um significado de grande importância para e sobre suas práticas profissionais; talvez seja o de maior importância no tocante à formação de uma profissional preparada para atuar no ambiente de UTI.

#### O status profissional

De um modo geral, status faz referência a ser ou ter alguma importância, ser destacado ou apontado por uma característica

que torne alguém diferenciado de seus demais. No ambiente de trabalho, é ser detentor da capacidade de realizar alguma tarefa que ninguém mais consiga, queira ou tenha aptidão para fazer.

Com base no senso comum da palavra, status, quando correlacionado ao fato de ser enfermeira no cotidiano da UTI, ganha uma conotação verídica e condizente com a realidade vivida por essas profissionais: ser enfermeira de uma UTI é ter status entre seus pares. Fato muito bem ilustrado na fala a seguir:

“Eu acho que é um, uma posição das mais importantes, sem menosprezar nenhuma das outras. Às vezes, a gente, né, por trabalhar em terapia intensiva, a gente é solicitado a prestar auxílio em outros setores, porque eles julgam que a gente é mais completo: ‘Ah, não, paciente grave é com vocês!’ Então, às vezes me chamam para ir em outros andares prestar um socorro, às vezes até puncionar uma veia que o médico não consegue passar um acesso central, você chega lá e consegue resolver a situação. Então, você se vê mesmo como um profissional, assim, muito completo” (Entrevistada 3).

Assim, para a práxis da enfermeira no cotidiano da UTI, ter status é muito significativo. Talvez, a UTI seja o espaço de trabalho onde o profissional de enfermagem consiga, com mais facilidade, um reconhecimento e uma notoriedade que ainda hoje são negligenciados à sua profissão como um todo.

Algumas pesquisas<sup>(14,15)</sup> indicam que este status, vivenciado pela enfermeira no cotidiano da UTI, surge da visão e da noção que se tem desse setor. A visão de que a UTI é o setor mais importante dentro de um hospital já é propiciador de um status para quem trabalha dentro dele. Agrega-se a isso a relação “situações de trabalho/frutificar do

trabalho”, também geradora de status para a enfermeira que vive seu cotidiano nesse setor. A fala a seguir o ilustra bem:

“[...] o tempo todo você tá andando pela enfermagem, o tempo todo você está procurando olhar um, olhar outro, porque são pacientes instáveis, né. Muitos deles têm, têm, são procedimentos graves, são pacientes que estão em estado que necessitam de, por isso eles estão aqui com a gente. Então, eu acho que é isso, a gente nunca tem, nunca posso falar pra você ‘o CTI hoje tá muito tranquilo’, porque, de um minuto pro outro, eu acho que esta complexidade, a gente tem que ter esta noção, que você nunca pode, por exemplo, relaxar e falar ‘meu plantão tá muito tranquilo’” (Entrevistada 2).

Da mesma forma, a UTI é o setor com a responsabilidade de assistir as pessoas com as maiores complicações e risco para a vida, e de utilizar o maior e mais complexo aparato de auxílio ao cuidado. Isso acaba por propiciar às suas enfermeiras serem as responsáveis por um cuidar complexo e altamente qualificado - o que lhes é propiciador de um status<sup>(16)</sup>.

Agora, se somarmos a esse fato o frutificar deste cuidado - ou seja, o fato de este cuidado altamente qualificado e complexo, direcionado a um paciente com alto risco de morte, resultar em melhora, cura e alta da UTI, em muito devido ao atuar da enfermeira - logo, este trabalho e esta atuação tomam proporções de grandeza e de maior satisfação<sup>(17)</sup>. Reparem-no:

“[...] assim, posso te afirmar que eu cresci assim uns 200 por cento. Já sei lidar com as situações, se um paciente para, é outra coisa, entendeu? Porque você está vivenciando aqui diariamente, então, assim, profissionalmente um crescimento muito grande. Pessoalmente um crescimento também pessoal [...]” (Entrevistada 8).

Seja pelas complexidades da UTI, seja pelas possibilidades de desempenho de seu

papel, fica perceptível o quanto este status proveniente de ser uma enfermeira no cotidiano de uma unidade de terapia intensiva é relevante, tem significado para essas profissionais e, dessa forma, é preponderante na formação da sua práxis.

Essas profissionais, quando percebem e sentem esse valor, esse status, no viver cotidiano dentro do seu local de trabalho, e, por conseguinte, fazem a significação dessa importância em sua práxis, conseguem extrapolá-la do seu cotidiano de trabalho para outras esferas de suas vidas. Tal fato pode ser observado nas falas a seguir:

“Nossa, olha, deixa eu te falar, é uma valorização muito grande, assim. Eu trabalhei em maternidade dois anos e caí no CTI. São trabalhos totalmente distintos. Igual eu falo que é dentro do CTI que eu me descobri, porque é um trabalho que você se sente valorizado [...]” (Entrevistada 5).

“[...] quando alguém tem algum problema na família, a primeira coisa que faz é ligar pra você: ‘Ô fulana, tá acontecendo isso e isso.’ Então, né? Os meus filhos, eles sentem muito orgulho de mim porque eu sou enfermeira. Eu acho legal isso, né? Então, assim, ele tem orgulho de contar pros amigos que ‘Minha mãe é enfermeira, trabalha no CTI [...]’” (Entrevistada 2).

Assim, o valor que se tem por ser uma enfermeira de uma UTI mostra-se como um elemento primordial para a constituição da práxis dessas enfermeiras. É a oportunidade de ter seu trabalho reconhecido, valorizado, em meio a conjunturas complexas como a de uma UTI. É a expressão possivelmente pretendida por todo e qualquer profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a práxis da enfermagem sob qualquer conceituação teórica é fundamental para manter a profissão atualizada, crítica e

reflexiva sobre si mesma. Sob o referencial adotado neste trabalho, é valorizar os profissionais de enfermagem, pois os significados atribuídos por eles às suas práticas são a realidade dessa profissão. Logo, o estudo desta práxis do real e suas significações é olhar a realidade da enfermagem em seus diversos contextos.

É conseguir, também, produzir argumentos e informações possíveis de respaldar e embasar muitas ações capazes de acarretar transformações e melhorias na profissão; por exemplo, é levar à academia informações da realidade profissional das enfermeiras e, assim, embasar a formação de futuros profissionais. Para as instituições de saúde, é trazer o conhecimento da realidade vivida, indicando onde e quando as melhorias e intervenções precisam ser implementadas. Para as enfermeiras, é um conhecer melhor de si e de suas capacidades.

Assim, quando as enfermeiras relatam que a UTI figura como importante fonte de aperfeiçoamento profissional, que as situações vividas nesse ambiente são decisórias para o nível profissional que elas irão ter, elas nos revelam quanto o real do ser enfermeira é fomentador de vivências que devem ser expandidas para toda a profissão.

Da mesma forma, a possibilidade e a necessidade de um contínuo aperfeiçoamento para a atuação nesse ambiente de UTI é preponderante para o significado que seu fazer terá dentro desse setor. Isso porque na UTI o valor do fazer está intimamente aliado aos conhecimentos que o subsidiam e à importância da profissional.

Também é relevante, para essas profissionais, todo o reconhecimento que lhes é atribuído por desenvolverem seu ser profissional nesse ambiente. Todo o reconhecimento advindo disso é altamente significativo para a formação da práxis dessas profissionais - espera-se que, um dia, seja

para todas as enfermeiras.

Essa valorização advém de um esforço e dedicação de ser enfermeira no cotidiano da UTI - esforço em desempenhar seu papel frente às adversidades, como o sofrimento humano -, da capacidade de se manterem sabedoras de suas funções dentro de uma dinâmica de constantes mudanças e de serem capazes de estarem presentes em momentos como o da morte.

Assim, a práxis das enfermeiras de uma UTI é instrumento de valia não só para elas, mas para sua profissão, sobretudo se alicerçada sobre elementos concretos de seu cotidiano nesses ambientes, como a formação proporcionada pela UTI e o status advindo de ser uma enfermeira intensivista. E, embasando-se no concreto, essa Práxis é sólida o bastante para se expandir a outras instâncias que a julguem necessária.

#### REFERÊNCIAS

- 1- Scremin MPP, Prado ML, Schmidt RK. Por uma práxis de enfermagem criativa e reflexiva. *Cienc. enferm.* [periódico na Internet]. 2006 Dez [citado 2013 Abr 02]; 12(2): 15-22. Disponível em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0717-95532006000200003&lng=pt](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532006000200003&lng=pt). doi: 10.4067/S0717-95532006000200003
- 2- Vale EG, Pagliuca LMF, Quirino RHR. Saberes e práxis em enfermagem. *Esc. Anna Nery* [periódico na Internet]. 2009 Mar [citado 2013 Abr 02]; 13(1): 174-180. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452009000100024&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000100024&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452009000100024>.
- 3- Kosik K. *Dialética do Concreto* 2. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- 4-Richter LM. *Clássico Marxista: "Dialética do*

Concreto”, Resenha. Revista Educação e Políticas em Debate-v.1,n.1, jan./jul. 2012.

5- Machado R, Oliveira S, Ferreira T, Campos C, Botti N, Consolação R. Síndrome de Burnout em centro de terapia intensiva infantil da região Centro-Oeste de Minas Gerais. Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro, América do Norte, 0, aug. 2011. Disponível em:

<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/83/141>. Acesso em: 17 Jun. 2013.

6- Vargas AO, Ramos FRS. Autonomia na unidade de terapia intensiva: comecemos por cuidar de nós. Rev. bras. enferm. [periódico na Internet]. 2010 Dez [citado 2013 Jan 28]; 63(6):956-963. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672010000600014&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000600014&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672010000600014>.

7- Campos JF, David HSL. Avaliação do contexto de trabalho em terapia intensiva sob o olhar da psicodinâmica do trabalho. Rev. esc. enferm. USP [periódico na Internet]. 2011 Abr [citado 2013 Jan 28]; 45(2):363-368. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342011000200009&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000200009&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000200009>.

8- Martins JT, Robazzi MLC. Nurses' work in intensive care units: feelings of suffering. Rev. Latino-Am. Enfermagem [periódico na Internet]. 2009 Fev [citado 2013 Fev 08]; 17(1):52-58. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692009000100009&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692009000100009&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692009000100009>.

9- Maffesoli M. Elogio da razão sensível. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 187 p.

10- Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

11- Gibbs G. Análise de dados qualitativos. Tradutor Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

12- SILVA, KL et al. Desafios da formação do enfermeiro no contexto da expansão do ensino superior. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, jun. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452012000200024&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000200024&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 jan. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000200024>.

13- Silva RS, Campos AER, Pereira A. Cuidando do paciente no processo de morte na Unidade de Terapia Intensiva. Rev. esc. enferm. USP [periódico na Internet]. 2011 Jun [citado 2013 Jan 28]; 45(3):738-744. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342011000300027&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000300027&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000300027>.

14- Backes MTS, Erdmann AL, Büscher A, Backes DS. O cuidado intensivo oferecido ao paciente no ambiente de Unidade de Terapia Intensiva. Esc. Anna Nery [periódico na Internet]. 2012 Dez [citado 2013 Jan 28]; 16(4): 689-696. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452012000400007&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000400007&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000400007>.

15- Shimizu HE, Couto DT, Merchan-Hamann E. Pleasure and suffering in intensive care unit nursing staff. Rev. Latino-Am. Enfermagem [periódico na Internet]. 2011 Jun [citado 2013 Jan 28]; 19(3):565-572. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692011000300016&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000300016&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000300016>.



16- Vargas MAO, Ramos FRS. Tecno-biomedicina: implicações naquilo e daquilo que a enfermagem faz em terapia intensiva. Texto contexto - enferm. [periódico na Internet]. 2008 Mar [citado 2013 Jan 28]; 17(1):168-176. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000100019&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000100019&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000100019>.

17- Silva RC, Ferreira MA. A dimensão da ação nas representações sociais da tecnologia no cuidado de enfermagem. Esc. Anna Nery [periódico na Internet]. 2011 Mar [citado 2013 Jan 28]; 15(1):140-148. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452011000100020&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000100020&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452011000100020>.

Artigo alicerçado na dissertação intitulada “O ser enfermeira(o) no cotidiano da unidade de terapia intensiva”, defendida junto ao PPG Mestrado em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora no ano de 2013.

**Nota:** O autor do artigo foi agraciado e usufruiu de bolsa de estudos fornecida pela CAPES e pelo programa REUNI da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Recebido em: 29/05/2013  
Versão final em: 30/06/2013  
Aprovação em: 19/07/2013

**Endereço de correspondência**

Gustavo de Mello Duarte  
Endereço: Rua Dr Luiz Antonio Vieira pena  
Nº 56, bairro São Mateus. Juiz de Fora/ MG.  
Brasil. CEP: 36026-300  
**E-mail:** [enfergustaduarte@gmail.com](mailto:enfergustaduarte@gmail.com)